

Seção de Livros

SEGREDOS DO DESERTO

Condensado de "KGB"

JOHN BARRON

Vladimir Sakharov era o diplomata soviético exemplar. Simpático, de boa família, diplomado com louvor pelo prestigioso Instituto de Relações Internacionais, planejava cuidadosamente sua ascensão na escala oligárquica soviética. Como destacado diplomata na Alexandria, presenciou como a KGB (o mecanismo terrorista de ação soviética no exterior) havia se infiltrado para subverter aquele país, que seus agentes já chamavam de «República Soviética do Egito». Sakharov resolvera tornar-se também um agente dos altos escalões da KGB — até que um dia, no Kuwait, o curso de seu destino se modificou subitamente.

SEGREDOS DO DESERTO

VLADIMIR Nikolaévitch Sakharov era um jovem que todos invejavam. Aos 22 anos, tinha 1,90 m de altura, pesava 106 kg, era musculoso, tinha cabelos castanhos ondulados, uma fisionomia simpática e era conhecido por seu brilhantismo. Sua família era influente e rica, segundo os padrões soviéticos; sua mulher, Natalia, era graciosa, loura e de grande beleza.

Sakharov fizera um curso brilhante de estudos árabes na mais renomada escola da União Soviética, o Instituto de Relações Internacionais. À sua frente, abriam-se as perspectivas de uma carreira diplomática que lhe traria o rendimento, as imunidades e os benefícios materiais reservados exclusivamente à elite russa.

O mais importante de tudo, porém, é que Sakharov gozava da proteção e despertava o interesse da KGB, a onipotente organização do serviço secreto soviético. Embora se trate de um caso individual, a vida que Sakharov levou, nos altos escalões da sociedade soviética e quando servia em postos diplomáticos soviéticos no exterior, serve para caracterizar alguns aspectos importantes da KGB, e que só excepcionalmente podem ser divisados fora da organização. Na verdade, as experiências de Sakharov constituem admiráveis revelações sobre a influência da KGB numa das áreas do mundo mais constantemente expostas a crises de toda ordem: o Oriente Médio.

Na primavera de 1967, Sakharov deixou em Moscou a esposa, que estava à espera do primeiro filho, e foi fazer um estágio prático de seis meses na Arábia, preparatório para a sua formatura. Candidatou-se, por dever de ofício, ao cargo de praticante de oficial de chancelaria no consulado soviético de Hodeida, estratégico porto do Mar Vermelho, na República do Iêmen. Quando lá chegou, a temperatura era de 53°C, e a umidade do ar 96%. Nos dias que se seguiram, aprendeu que nem uma nem outra tendiam a cair muito abaixo daqueles índices.

O corpo transpirava continuamente, a camisa com cinco minutos de uso empapava-se toda, e os sapatos se desintegravam com a umidade ao cabo de pouco tempo. A colônia russa se compunha de cerca de 600 diplomatas, agentes da KGB, trabalhadores de obras e suas famílias, amontoados num conjunto de apartamentos onde não havia ar condicionado e onde cada cozinha era comum a dois apartamentos. Viviam sob a ameaça de virulentas enfermidades endêmicas e, nas ruas, recuavam ao ver os iemenitas a defecar em plena via pública, usando pedras à falta de papel higiênico. Um fedor a latrina impregnava o ar.

Embora os soviéticos já tivessem controle sobre Abdullah al Sallal, o presidente iemenita, este se mostrava receoso de um relacionamento aberto em plena capital. Por isso, a KGB adquiriu uma

casa em Hodeida, onde eram realizados os encontros secretos, e o embaixador soviético Mirzo Rakhmatov vinha periodicamente de Taiz para se encontrar ali com Al Sallal.

Ao chegar a Hodeida certa manhã, no final de abril, o embaixador passou pelo consulado para ver Sakharov, que era sobrinho de um de seus mais íntimos amigos. Na entrevista, disse a Sakharov, sem maiores explicações, que o cônsul de carreira, em Hodeida, não mais voltaria das férias que tinha ido passar em Moscou.

«Meu jovem, parabéns! Você é agora o cônsul interino», disse Rakhmatov solenemente. «Conhecendo seu tio, tenho certeza de que você dará conta do recado até a chegada do novo titular.» Sakharov estava tão surpreso que nem lhe ocorreu perguntar quais seriam suas novas responsabilidades, e o embaixador partiu sem lhe oferecer qualquer indicação.

Na manhã seguinte, Sakharov recebeu um bilhete garatujado: «Peço falar comigo, por gentileza.» O autor da mensagem era Vladimir Ivtchenkov, o Residente da KGB em Hodeida. Chefe do serviço secreto soviético local, ele passava por engenheiro-chefe da Comissão de Relações Econômicas.

Ivtchenkov era um homem de quase 40 anos, tinha os cabelos louros e espetados, e demonstrava uma mordacidade e agressividade sobrecarregadas de nervosa energia. Havia adquirido um extraor-

dinário conhecimento da cultura árabe, e analisava todos os problemas com muita frieza. Quando afirmou aos soviéticos recém-chegados ao Iêmen que «os egípcios vão precisar de um século para dominar nossos métodos, e os iemenitas, de três», não estava com isso manifestando desdém, mas expressando simplesmente seu julgamento desapassionado.

Depois de fazer com que Sakharov se sentasse comodamente em seu escritório refrigerado por um aparelho Westinghouse, Ivtchenkov perguntou-lhe: «Suponho que saiba quem sou eu, não?»

Sakharov aquiesceu com a cabeça.

«Sejamos francos», disse Ivtchenkov. «Nosso primeiro dever consiste em defender o nosso povo. Quero um relatório sobre todas as pessoas que venham procurá-lo. Quero saber quem anda visitando os árabes, quem especula com moeda estrangeira, quem está dormindo com quem, quem anda insatisfeito... tudo, enfim! Compreende?»

«Perfeitamente», respondeu Sakharov.

Servindo-se com uma generosa dose de uísque King George IV, Ivtchenkov perguntou: «Quer um pouco?» Ainda não eram nove horas da manhã, e Sakharov polidamente recusou. «Se quiser fazer amizade com os árabes», disse Ivtchenkov, «vai precisar aprender a explorar e a controlar a bebida. O álcool torna os árabes maleáveis.»

«Ensinarão-nos que a religião deles não permite a bebida», replicou Sakharov.

«Por isso mesmo», disse Ivtchenkov – e, a caminhar em redor da sala, falava com ar professoral: «Eles cobiçam as coisas proibidas e não conseguem dominá-las. Ponha um árabe sentado diante de uma mesa repleta de garrafas. Dê-lhe um pouco de soda enquanto você toma o seu uísque e comenta sobre o poder relaxante da bebida. Ao fim de algum tempo, insinue-lhe que as ocasiões oficiais devem ter precedência sobre a tradição e o costume. Se o árabe começa, não sabe como parar. Quando estiver suficientemente *alto*, concordará com todas as propostas, assinará seja lá o que for.

«Um agente da KGB ganhou uma condecoração aqui», continuou Ivtchenkov, «por ter conseguido embriagar o Ministro das Relações Exteriores e fotografar todos os documentos que havia em sua pasta.»

Um amigo muito distinto

ENQUANTO Ivtchenkov detinha um poder oculto definitivo sobre todos os soviéticos que viviam em Hodeida, Sakharov agora se tornara a pessoa a quem recorriam em busca de auxílio para resolver seus problemas pessoais e até familiares. Enfastiadas, vivendo nos pequenos e tórridos apartamentos, as mulheres brigavam umas com as outras, disputando o uso da co-

zinha ou dos banheiros. Rivalidades étnicas provocavam rixas entre os trabalhadores de obras recrutados nas várias repúblicas soviéticas.

Sakharov tentava apaziguar essas pendências agindo com calma, discernimento e simpatia. Em breve, Volodiya, como os seus admiradores o chamavam, passou a ser tido na colônia como humano e justo nos seus julgamentos, «um bom sujeito», jovem demais para estar endurecido pelo cinismo burocrático.

Mas, nesse período, Sakharov não deixava de manter Ivtchenkov pessoalmente informado sobre tudo o que se passava, e isso lhe garantiu a incumbência de missões mais significativas: a identificação dos iemenitas simpatizantes dos chineses, o levantamento de agentes potenciais da KGB junto às tropas egípcias aquarteladas no Iêmen e a identificação de árabes que tivessem possibilidades de penetrar nas áreas de depósito de petróleo nas vizinhanças de Áden.

Após o conflito árabe-israelense de junho de 1967, os chineses, cujo consulado em Hodeida era vizinho do consulado soviético, acusaram os russos de haverem causado a derrota árabe. Ocupado em suas tentativas de ajudar a KGB a contra-atacar a propaganda chinesa, Sakharov cada vez mais ia se descurando de suas funções administrativas. A 10 de julho, tentando pôr em dia uma pilha de papéis que aguardavam despacho, foi trabalhar sozinho no escritório.

Cerca das 10 horas da manhã, ouviu um alvoroço ameaçador vindo do lado de fora, e viu da janela aproximar-se uma vanguarda de manifestantes incitados pelos chineses. Sakharov poderia ter perfeitamente escapado, mas, em vez disso, trancou firmemente as portas do consulado, fechou as janelas e acendeu todas as luzes para dar a impressão de que havia outras pessoas presentes. Quando terminou, o edifício já estava rodeado por cerca de 1.500 iemenitas enfurecidos, a gritarem as acusações dos chineses contra a perfídia soviética.

Pedras começaram a chover contra o consulado, e quando os estilhaços das vidraças passaram a cair sobre ele, Sakharov refugiou-se no telhado do edifício. Lá de cima, via a multidão ululante, a empunhar longos sabres curvos e velhos fuzis ingleses. Pensando nos recentes ataques de que tinham sido vítimas os consulados alemão e norte-americano, Sakharov imaginou que a qualquer momento alguém, da multidão, haveria de querer botar fogo no prédio. Nessa ocasião, ouviu o som de tiros e o ruído de viaturas do exército egípcio que vinham dispersar a manifestação.

No dia seguinte, Sakharov era propalado herói. Sua tentativa de explicar que sua atuação tinha sido muito limitada soava a todos como modéstia. O embaixador enviou-lhe congratulações, Ivtchenkov abraçou-o, os trabalha-

dores de obras aplaudiam-no e as crianças gritavam: «Volodiya! Volodiya!»

A essa altura, Sakharov estava ansioso por voltar à pátria e ver sua filhinha Yekaterina, que nascera em maio. Em setembro, na véspera de seu retorno a Moscou para concluir os estudos, Ivtchenkov deu-lhe uma festa de despedida. Depois que os convidados se foram, insistiu para que Sakharov ficasse ainda mais um pouco.

«Quero que você leia algo», disse ele. Era o relatório que fizera das atividades de Sakharov no Iêmen. Cingia-se aos fatos, mas as frases eram de tal forma habilidosas que o relatório acabava por exagerar os feitos de Sakharov. Quem quer que o lesse haveria de concluir que Sakharov era um jovem excepcionalmente dotado, com as aptidões inatas de um grande agente de espionagem.

«Está bom de mais», disse Sakharov.

«Bem, você o merece, e não lhe fará mal algum em Moscou», replicou Ivtchenkov. «E agora, vamos comemorar.»

Ambos estavam completamente embriagados por volta das quatro da manhã e, animado pelo espírito do riso, intoxicado pela alegria da camaradagem, Sakharov imaginou que ninguém poderia ser melhor amigo que Ivtchenkov.

De retorno a Moscou, entretanto, após um festival de coquetéis de boas-vindas, Sakharov foi visitar Ivan Skarbovenko, o cônsul

que o havia precedido em Hodeida e que estranhamente viera de férias a Moscou para não mais voltar. Sua aparência perturbou Sakharov, pois o homem parecia haver envelhecido dez anos no espaço de poucos meses. Amargurado, Sakharov contou-lhe o que havia acontecido.

Sua esposa sempre sonhara com uma viagem marítima, e por isso ele conseguira passagens num navio que zarpava de Alexandria para Odessa. A mulher estava mais feliz do que nunca. Sonhava com cada instante da viagem e planejava inclusive comprar alguns tecidos de algodão de boa qualidade no Egito, para fazer vestidos que decerto iriam durar a vida inteira. Na esperança de poder realizar todos os seus sonhos, a mulher comprou dólares no Iêmen para com eles fazer compras no Egito e pagar as despesas a bordo. Sabiam que os cidadãos soviéticos estavam proibidos de transacionar com moeda estrangeira. Como houvesse muitos que desrespeitavam a proibição, ela não se preocupou muito em ocultar as aquisições que fizera. Ivtchenkov descobriu as transações – e inexplicavelmente denunciou-a. Quando Skarbovenko chegou a Moscou, foi convocado ao Ministério das Relações Exteriores, rebaixado de posto e impedido de sair outra vez para o estrangeiro.

«Ivtchenkov fez isso?», perguntou Sakharov, parecendo surpreso. «Não posso acreditar.»

«Pois é melhor que acredite. Já é muito tarde para mim, mas você ainda está em tempo. Tome cuidado com os chekistas.* Eles estão colocados nas mais altas posições, mas são a mais baixa forma de sociedade. Passam a vida toda a trair as pessoas – e até uns aos outros. Depois, os safados desertam para o lado dos americanos e vendem o próprio povo soviético. Ouça-me, Volodiya. Não se metã com essa gente!»

Sakharov, entretanto, por motivos pessoais não sabidos, já havia resolvido atender o convite dos chekistas, caso o chamassem. Longe de o haver dissuadido, a história de Skarbovenko serviu apenas para fortalecer sua decisão de se juntar à KGB.

«Você verá crueldades»

O CHAMADO ocorreu em novembro de 1967. O diretor de pessoal do Instituto de Relações Internacionais, que era igualmente oficial da KGB, estendeu a Sakharov um pedaço de papel, dizendo-lhe para telefonar ao número que nele estava escrito. Ao fazê-lo, Sakharov combinou apresentar-se na manhã seguinte num escritório da rua Neglinnaya, a meio quarteirão da praça Dzerzhinsky, onde iria procurar «Vasili Ivanovitch».

* Nome pelo qual os soviéticos por vezes ainda designam os agentes da polícia política KGB, e que deriva de «Cheka», sigla do primeiro serviço secreto político criado pelos comunistas em 1917.

O agente Ivanovitch, um gordo de meia-idade, com ar paternal, recebeu-o polidamente. «Saiba», começou ele, «que represento a organização mais acatada da União Soviética: o Comitê de Segurança Nacional do Conselho de Ministros. Nós o temos observado durante este seu último ano de estudos. Sabemos que domina o árabe e o inglês; seu trabalho no Iêmen foi excepcional.»

Enumerou os vários benefícios que a KGB lhe haveria de proporcionar, inclusive um belo apartamento em Moscou e fornecimento gratuito de um terno novo e um par de sapatos todos os anos. Resaltou o fato de que os agentes da KGB no exterior ganhavam mais e tinham maior influência do que os diplomatas soviéticos de carreira. «Isso, sem deixar de gozar do prestígio e dos privilégios dos diplomatas, já que você passará por um deles. Não lhe digo que o trabalho não tenha os seus percalços, mas posso assegurar-lhe que todo o poderio da União Soviética estará do seu lado.»

A entrevista prosseguiu por mais duas horas. «Sinto-me profundamente honrado», respondeu Sakharov por fim. «Aceito o seu convite.»

Tudo foi muito simples. A KGB, através de seus agentes burocráticos e dos informantes do Instituto, havia observado Sakharov.

Nenhuma investigação minuciosa fora feita, entretanto, sobre os seus ideais e suas motivações;

não houve qualquer tentativa de escrutinar o que ele realmente pensava. A razão para essa falha estava em que a KGB considerava a família de Sakharov com credenciais mais do que suficientes. O pai fora correio do Ministério das Relações Exteriores. Durante 20 anos, transportara eficientemente os segredos soviéticos por todas as partes do mundo, ao mesmo tempo que executava incontáveis serviços úteis à KGB. Em consequência, tinha muitos amigos influentes na organização, tanto em Moscou como no estrangeiro.

Além do mais, um tio de Sakharov era vice-diretor do departamento de arquivos do Ministério das Relações Exteriores. O avô fora um respeitado coronel do Exército Vermelho; a sogra era psiquiatra acreditada no Kremlin, e o pai dela comandava um campo de concentração para prisioneiros políticos, outra posição de prestígio na União Soviética.

A KGB sabia igualmente que os amigos mais íntimos de Sakharov eram filhos de agentes que exerciam altos postos na organização. Sua família, seu passado, sua vida acadêmica e suas qualificações para a função eram de fato ideais.

A KGB ignorava entretanto que, durante as longas ausências do pai em suas viagens a negócios, o rapaz costumava ficar em casa dos avós, que eram violentamente anti-soviéticos.

A descendência turca dotara sua avó de um espírito rebelde que a

fazia abominar tudo o que fosse soviético. «Mentiras!», costumava exclamar sempre que lia o *Pravda*. «Tudo que sai na imprensa soviética não passa de mentiras! À noite, vamos saber da verdade ouvindo a BBC.» Sakharov às vezes adormecia ouvindo a BBC ou A Voz da América.

O avô era um típico oficial do exército que, na qualidade de jovem comunista cheio de ideais, havia lutado na revolução. Recebeu duas condecorações por bravura, na Segunda Guerra Mundial, durante a batalha de Moscou. Os expurgos de 1936-38, entretanto, nos quais a maioria de seus amigos do exército haviam perecido, fizeram-no passar a desdenhar a causa para a qual dera o melhor de sua vida. Acima de sua própria sobrevivência atual, preocupava-se muito mais com o futuro do neto.

No 12.º aniversário de Volodiya, o velho falou-lhe abertamente, sintetizando as condições de vida em que se daria a formação do rapaz. «Nossa sociedade é controlada por um pequeno grupo», disse. «Para atingir-se um nível de vida razoável, é preciso penetrar no círculo fechado que compõe esse grupo. Não é fácil, mas, se você estudar e se esforçar devidamente, eu conseguirei dar-lhe tudo o que deseja.

«À medida que for subindo na vida», continuou, «verá muitas crueldades e injustiças. Você não poderá modificar esse quadro, mas, quando tiver conseguido a

segurança que o dinheiro e a posição garantem, irá aprender a fechar os olhos e a viver a sua própria vida.»

A maneira mais certa de se penetrar no «círculo fechado» era através do Instituto de Relações Internacionais, mas a concorrência era acirrada. Por isso, a família de Sakharov preparou-o durante a adolescência para ser capaz de vencer a competição.

Aprendeu natação, boxe, luta-livre, tênis, e obteve um terceiro lugar nos campeonatos de remo de Moscou. Tomou aulas particulares de alemão e aprendeu a tocar piano. Quando Nikita Kruchchev baixou um decreto concedendo prioridade de matrícula nas universidades aos candidatos que já houvessem exercido anteriormente alguma ocupação, o tio de Sakharov arranhou-lhe um «emprego» de assistente no laboratório de física de um colégio, administrado por um amigo. Sakharov lá aparecia de manhã para fazer os seus trabalhos escolares, e saía de tarde diretamente para praticar seus esportes.

O Instituto exigia que os candidatos apresentassem uma recomendação do Komsomol, a ala jovem do Partido. Sakharov considerava o Komsomol um absurdo, e, embora pagasse mensalidades para não perder o título, jamais comparecia às reuniões. Então, o pai telefonou a um amigo que fazia parte da diretoria do Komsomol no distrito de Moscou.

Houve alguma dúvida a propósito de um aparelho portátil de televisão RCA. A declaração que o diretor da Komsomol forneceu a Sakharov descrevia-o como um verdadeiro Lênin dos últimos tempos.

Primeiras dúvidas

OS ESTUDANTES admitidos no Instituto passavam a constituir uma elevada classe, reconhecida como fonte da futura oligarquia soviética. Os adultos os respeitavam, os jovens os invejavam e as moças os preferiam na certeza de que eram os melhores partidos.

Os próprios estudantes cultivavam um sistema altamente requintado de sofisticação. A camada inferior era constituída pelos relativamente poucos jovens de origem humilde, que o Instituto admitia apenas para causar efeito. Sem contar com influências familiares, forçados a viver com modestas mesadas de 40 rublos (pouco mais do que Sakharov gastava de condução), facilmente se prestavam ao papel de informantes para angariar as boas graças da KGB.

O *status* dos demais era grandemente determinado pela situação da família na oligarquia vigente. Por exemplo, Dmitri Tarabrin era possivelmente o mais brilhante e o mais popular dos rapazes do Instituto até o dia em que o pai foi sumariamente destituído do departamento americano da KGB. À medida que a notícia se espalhou entre os colegas, Dmitri pa-

rou de receber convites para festas. Ao cabo de um ano, o ostracismo em que se achava era total.

O ensino no Instituto, em particular no que diz respeito a idiomas, estudos setoriais e espionagem militar, atendia a elevados padrões. Num clima de disciplina quase militar, que os funcionários da KGB incutiam sutilmente na faculdade, os estudantes se aplicavam às suas tarefas diárias.

Fora da escola, entretanto, a maioria deles, inclusive Sakharov e seus amigos, levavam uma vida que beirava a devassidão. Muitos chegavam a beber quase uma garrafa de vodca por noite. Os fins-de-semana eram devotados a farra e orgias alcoólicas nos apartamentos dos estudantes cujos pais estivessem ausentes. Igor Andropov deu uma festa na primavera de 1964, durante a qual Sakharov dormiu com uma garota na cama da pessoa que hoje chefia a KGB.

Condicionado desde a infância a não conviver com os inferiores de sua classe social, Sakharov tinha poucos amigos, fora aqueles do Instituto. Fazia suas compras em lojas a que não tinham acesso os cidadãos comuns; passava férias em estações balneárias exclusivas; jantava em restaurantes cujos preços apenas os estrangeiros e os membros da oligarquia podiam se permitir. E só em 1964, aos 19 anos, começou a ter contato com pessoas do povo.

Na primavera desse ano, passou suas férias na Estônia. Embora

os soviéticos houvessem ocupado aquele pequeno território báltico em 1940, como parte do pacto com Adolph Hitler, os estonianos empenhavam-se em manter sua língua e cultura próprias. Sakharov achou a experiência admirável; contudo, não deixava de perceber com freqüência a surda hostilidade que os estonianos manifestavam todas as vezes que podiam agir com segurança. Nas duas vezes em que pediu indicações sobre ruas, acabou sendo desviado do seu rumo pelas pessoas a quem recorreu. Nas lojas, os caixeiros fingiam não notar a sua presença quando havia outros fregueses para atender.

Certa noite, encontrou-se com um grupo de tripulantes da Aeroflot (a companhia aérea comercial soviética), que o convidaram para uma festa de aniversário num restaurante onde tocavam jazz. Quando viram que se tratava de russos, os componentes da orquestra pararam em meio de uma música de jazz e começaram a tocar o *'Deutschland Über Alles* (o hino da Alemanha nazista). Muitas das pessoas que jantavam no restaurante participaram do insulto, levantando-se para cantar o velho hino alemão.

Certa vez, Sakharov viu um homem comprando uma vara de pesca numa loja. Resolveu também adquirir uma.

«As varas da vitrina estão só à mostra, não são para vender», disse o comerciante.

«Como, se acabo de ver uma pessoa comprar uma delas!», insistiu Sakharov.

«Pois não estão à venda», repetiu o estoniano inflexível.

«Olhe uma coisa, o que o senhor tem contra mim?», perguntou Sakharov exasperado. «Que deseja de mim?»

«Desejo que o senhor se vá embora e nos deixe em paz», disse o homem.

Outra experiência de Sakharov ao tratar com a gente do povo ocorreu em setembro de 1965, quando a secretaria do Partido anunciou: «Todos os estudantes deverão dedicar seis semanas de assistência aos trabalhadores agrícolas, demonstrando solidariedade com os nossos camaradas que vivem nos *kolkhozes*.»

Sakharov e seus amigos haviam lido os relatos oficiais que pintavam a vida nas fazendas coletivas com cenas de um idílio pastoral nascido do trabalho áspero. No interior de um ônibus sacolejante que os conduzia por estradas esburacadas para o *kolkhoz*, iam sonhando com as divertidas pândegas que os esperavam, mas as primeiras 24 horas da visita deixaram-nos horrorizados.

Os habitantes da região viviam em grupos de cabanas de um ou dois cômodos, em meio às plantações de batatas. O chão das cabanas era imundo, e não havia eletricidade nem água corrente. O parco aquecimento provinha de pequenos fogões a lenha. O *kolkhoz*

era atendido por um armazém caótico, que vendia pão, vodca, alimentos enlatados e artigos diversos, mas cujas prateleiras estavam, em sua maior parte, vazias. Anos antes, os funcionários do planejamento em Moscou haviam aquinhoado a loja com um piano e duas motocicletas, que ainda estavam lá, sem compradores e crivadas de cuspidelas dos clientes desdenhosos que não podiam comprá-las nem se utilizar delas. Durante seis semanas, os estudantes se alimentaram apenas de leite e batatas – com exceção de quatro dias em que houve pão.

Despidos de sua dignidade pessoal e do respeito próprio, os membros do *kolkhoz* dirigiam-se uns aos outros numa linguagem virulenta e rude que melindrava Sakharov. Falavam ainda mais acerbamente com os estudantes, cuja condição social e posições futuras simbolizavam tudo aquilo que eles, camponeses, jamais iriam alcançar.

Sakharov teve a maior pena de uma mulher que foi forçada a deixar a cabana, em companhia da filha, para dar lugar a ele e a mais dez de seus colegas de turma. Tinha um aspecto abatido e acabado, cabelos lisos e grudentos, a face desconsolada e cheia de sinais negros. Todas as manhãs e às tardes, ela era obrigada a cozinhar batatas para os estudantes que a haviam desalojado.

Sakharov tentou aproximar-se dela, mas todos os seus esforços

foram vãos até o dia em que lhe deu uma garrafa de vodca. Pela primeira vez, a mulher sorriu e, nas tardes subseqüentes, ficava às vezes mais um pouco para conversar.

Contou-lhe que sempre sonhara ter uma vaca, cujo leite, fosse vendido a outrem ou consumido por ela e a filha, lhe daria uma precária sensação de liberdade. O Estado, a princípio, permitia que cada família do kolkhoz tivesse uma vaca e pudesse arar uma pequena gleba particular, mas Kruchtchev abolira essa prática, alegando que o povo seria mais produtivo se deixasse de perder tempo com essas empresas particulares. As pessoas, entretanto, não passaram a trabalhar mais por isso, e a produtividade declinou. Agora, o Estado estava novamente admitindo a exploração particular do gado e da gleba – só que a mulher já não tinha dinheiro para comprar, fosse uma vaca ou sementes para plantio.

Pouco antes de retornarem a Moscou, Sakharov deu à mulher um saco de viagem que lhe presenteara o pai, dizendo: «Quero dar-lhe isto.» A mulher abriu o saco e nele havia várias garrafas de vodca e cerca de 100 rublos – todo o dinheiro que Sakharov trazia consigo. «Para comprar a vaca», disse. As lágrimas correram pela face enrugada da mulher.

Até ali, as experiências de Sakharov tinham-lhe impedido qualquer identidade com o povo soviético – ou qualquer interesse por

sua condição. Os meios familiares, escolares e sociais haviam-lhe ensinado que o objetivo da vida era a perseguição de seus próprios interesses.

Todavia, no regresso a Moscou, pensando na Estônia e no kolkhoz, começou a cogitar se não poderia haver outro objetivo mais alto.

Uma união perfeita

NUMA festa realizada no outono daquele ano, Sakharov conheceu uma jovem de 18 anos, loura, de olhos azuis, feições maravilhosas e um corpo que causava admiração a quantos a conheciam. Percebendo que o acompanhante da moça estava completamente embriagado, Sakharov ofereceu-se gentilmente para levá-la em casa de táxi, mas, em vez disso, foi com ela para o apartamento dos avós dele, onde passaram a noite.

A moça, Natalia Palladina, era tão inteligente quanto bela. Dominava facilmente tudo quanto desejava aprender, fosse balé ou culinária, línguas estrangeiras ou arte, maneiras sociais ou teoria marxista. Natalia era um exemplo da jovem mimada da elite soviética, ainda mais representativo do que o era Sakharov.

Sua mãe, uma psiquiatra, estava decidida a fazer da filha uma futura «rainha» da União Soviética, e moldou-a desde a infância nesse sentido. As maneiras sofisticadas e aristocráticas de Natalia cativavam os adultos, mas, por baixo do

ilusório verniz, as ambições e os conceitos da mãe haviam-na tornado egoísta, voluntariosa e materialista.

Quando a família de Sakharov a conheceu, ficou encantada. Nada era mais importante para eles do que encontrar uma esposa adequada para o filho. Desde muito jovem, encorajavam-no de maneira sutil a trazer suas namoradas para casa. Não que desejassem apenas fiscalizar cada uma das moças; queriam que o filho satisfizesse seus impulsos normais, de modo que não viesse a casar-se simplesmente por uma questão de sexo.

Em Natalia, encontraram todas as qualidades requeridas pela carreira do filho. «Esta é a mulher para você!», exultava o pai, que imediatamente começou a incentivar o casamento, cumulando Natalia de presentes que trazia de Nova York, entre os quais um casaco de peles comprado na Saks.

Sakharov e Natalia casaram-se em novembro de 1965. Seu vínculo maior era a atração sexual, mas as divergências de temperamento e concepções deram logo margem a agudos conflitos. Farto do materialismo em que fora criado, influenciado por suas experiências na Estônia e na fazenda coletiva, Sakharov já não considerava o luxo, o *status* e os privilégios como fins em si mesmos.

Natalia, entretanto, abraçava exultante os valores que Sakharov rejeitara. Tomava a mais leve frus-

tração de seus caprichos como motivo de indignação ou de um acesso de fúria. Ela e Sakharov discutiam acaloradamente. Às vezes, passavam dias inteiros sem se falar. Se não fosse por causa do nascimento de sua filha Yekaterina e pelo receio de que o divórcio viesse a destruir-lhes a possibilidade que ambos sonhavam de partir para o exterior, já desde há muito estariam separados.

TÃO LOGO Sakharov manifestou, em novembro de 1965, sua predisposição de entrar para a KGB, Vasili Ivanovitch efetivou seu recrutamento, pedindo-lhe que assinasse o voto secreto normalmente requerido para o ingresso na organização. Sakharov imaginou que a família estaria orgulhosa, mas, ao confidenciar ao pai que havia se ligado à KGB, este se mostrou furioso.

«Meu filho não há de ser um chekista! Nunca!», gritou. Citou o nome de amigos que haviam sido expulsos da KGB após a morte de Stalin, quando se descobriu em 1962 que o C.^{el} Oleg Penkovsky era um espião a serviço do Ocidente, e durante as inexplicáveis perturbações ocorridas na década de 1960-70. «Basta que alguém cometa um erro para que dez outros inocentes paguem por ele», continuou, «e quando a KGB despede alguém, essa pessoa está perdida para o resto da vida. Não consegue fazer mais nada. Ninguém quer saber dela.

«Se acontece algo com você no Ministério das Relações Exteriores, sempre é possível dar-se um jeito. Não significa a ruína. Eles não estão lá para atormentar a sua vida.»

Abatido, Sakharov perguntou atordoado: «Mas não é verdade que o senhor mesmo já trabalhou para a KGB? Não tem uma porção de amigos lá?»

«Vivo como devo», respondeu o pai. «Há gente boa na KGB, e lá tenho meus amigos... mas não estaremos aqui a vida toda para protegê-lo. Ouça o que lhe digo. Se você entrar para a KGB, eu o renego.»

«É impossível, meu pai», disse Sakharov. «Já assinei os papéis. Que devo fazer agora?»

«Não deve fazer nada», ordenou o pai. «É só você não aparecer mais lá, que arranjarei o resto.»

No dia seguinte, no Instituto, o departamento do pessoal enviou a Sakharov uma nota pedindo-lhe que telefonasse para a KGB. Sakharov ignorou a mensagem, e as outras que se seguiram. No terceiro dia, a KGB parou de chamar. Ao que tudo indicava, as influências do pai tinham prevalecido.

«Nós agora o temos»

SAKHAROV diplomou-se no Instituto, em janeiro de 1968, e foi designado assistente do adido do consulado soviético em Alexandria. Ele, Natália e Yekaterina partiram para o Egito, a bordo de um

navio, tendo saído do porto de Odessa em maio daquele ano.

À sua espera, no cais de Alexandria, estava um cidadão russo de cerca de 40 anos, cabelos negros, de cara redonda e simpática e abdome volumoso. «Sou Viktor Sbirunov, o vice-cônsul», foi logo apresentando-se. «Tenho um belo apartamento à sua espera no mesmo edifício em que moro. Venham comigo, minha mulher nos espera para o jantar.»

Durante a refeição, Sakharov percebeu que Sbirunov sabia praticamente tudo a seu respeito... inclusive seu frustrado recrutamento pela KGB. Já ao fim da noite, acabou por confessar em particular a Sakharov que ele era o representante da KGB em Alexandria.

Sbirunov era uma pessoa rude, agressiva, um verdadeiro agente, autêntico chekista. Seu linguajar era obscuro, suas piadas vulgares, suas maneiras sociais desastrosas. «Consegui com meu próprio esforço sair da aldeia em que nasci e entrar na KGB, tornando-me hoje no que sou», vangloriava-se.

Um pequeno incidente ocorrido naquela noite provou a Sakharov que o vice-cônsul era um verdadeiro chekista. Quando haviam terminado de jantar, apareceram no apartamento três mulheres russas, uma delas chorando histericamente. Pelo que Sakharov pode ouvir da conversa que Sbirunov teve com elas, percebeu que a mulher que chorava havia sido vítima de uma tentativa de estupro.

«Sua idiota! Que acha que eu posso fazer?», disse brusco. «Os árabes não são gente, procedem como verdadeiros animais. Nós é que devemos agir como civilizados. Já as avisei para não irem à noite à praça do mercado. A culpa é sua e não desses animais. Pare de choramingar e volte para casa. Se insistir em causar confusões, mando-a de volta para a União Soviética.»

Voltando à mesa, Sbirunov balançou a cabeça. «Os egípcios são árabes, e os árabes são exatamente iguais aos negros.»*

Passado algum tempo, depois que as senhoras se retiraram para outro aposento, Sbirunov aludiu aos contatos de Sakharov com a KGB em Moscou. «Você tentou fugir de nós», disse rindo cinicamente. «Ninguém consegue fugir. Nós o temos agora, está vendo?»

Sakharov também riu. Percebeu que a KGB, naturalmente para não se opor aos desejos de seu pai, deixou-o de parte em Moscou mas com a intenção de recuperá-lo no Egito. Sbirunov nem sequer lhe perguntou se ele queria trabalhar para a KGB. A partir dessa noite, Sbirunov e outros graduados da organização simplesmente lhe ordenavam o que tinha de fazer e o tratavam como um deles.

* A palavra empregada por Sbirunov foi o plural de *chernozhopy*, termo pelo qual os russos se referem correntemente aos negros de qualquer nacionalidade. O vocábulo significa literalmente «rabo preto».

NATALIA e Sakharov tornaram-se logo conhecidos entre os componentes da colônia soviética. Os russos tinham orgulho em mostrar a todos aquele casal admiravelmente simpático, apresentando-os como representantes típicos da jovem diplomacia soviética. Natalia era uma das mulheres mais elegantes de Alexandria. Aprendeu inglês, preparava pratos exóticos da culinária do Oriente Médio, e encantava os russos e estrangeiros que pudessem influir na carreira do marido. Embora as relações íntimas do casal permanecessem frouxas e às vezes antagônicas, em todas as outras ocasiões Natalia mostrava ter precisamente as qualidades da esposa que a família do marido havia sonhado para ele.

Sakharov, entretanto, não precisava de auxílio. O zelo e a facilidade com que cumpria as missões que lhe confiavam, rotineiras ou complexas, faziam com que a KGB se orgulhasse de tê-lo admitido.

Era uma época de atividade intensa para a KGB no Oriente Médio, já que a União Soviética havia montado ali a sua mais extraordinária operação subversiva da década. Os líderes soviéticos ambicionavam o controle do petróleo da região, equiparando cuidadosamente o poder de fiscalizar ou interromper seu fornecimento com o poder de chantagem às nações importadoras do Ocidente e o Japão.

Em meados de 1968, a União Soviética havia conseguido trans-

formar o Egito em sua base principal para a subversão do mundo árabe. Em troca de cerca de dois milhões e meio de dólares em armas e auxílios, o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, havia comprometido os destinos econômicos e políticos de seu país com os russos. Militares soviéticos davam ordens ao exército egípcio. Engenheiros soviéticos supervisionavam trabalhadores egípcios na construção de bases às quais os árabes não teriam acesso. Nos meios russos, nem sempre por brincadeira, já se referiam ao país como «a República Soviética do Egito».

Todavia, o domínio soviético do Egito não era nem absoluto nem completamente tranqüilo. Por isso, a KGB empenhava-se em construir uma base oculta para a predominância duradoura dos russos. Recrutava agentes no exército egípcio, nos serviços de segurança, na imprensa, nas universidades, e até mesmo entre os assessores pessoais de Nasser. Pouco antes da chegada de Sakharov, havia começado, inclusive, a penetrar nos grupos simpatizantes.

Sakharov, pela leitura dos telegramas secretos da KGB, a tradução de relatórios de espionagem árabes e pelas conversas que ouvia dos agentes da KGB, pôde assistir ao desenrolar dessa estratégia. Sbirunov instruiu-o no sentido de fazer amizade com os egípcios que a KGB considerava vulneráveis às propostas subversivas.

Um desses era Abdel Madsoud Fahmi Hasan, o jovem que chefiava o setor da polícia secreta designado para proteger e vigiar os consulados estrangeiros em Alexandria. «Hasan tem pouca importância agora», dizia Sbirunov a Sakharov, «mas não se esqueça de que amanhã poderá ser de enorme utilidade para nós.»

Levando uma garrafa de uísque, Sakharov fez uma visita a Hasan, convidando-o em seguida para uma recepção no consulado, onde lhe apresentou Sbirunov. Sakharov, de quando em quando, visitava o egípcio, levando-lhe presentes, em geral caviar ou uísque. Ao cabo de três meses, entretanto, Sbirunov ordenou-lhe que parasse de visitar Hasan.

«Ele pode desconfiar de alguma coisa», disse Sakharov. «Não se esqueça de que nos tornamos amigos.»

«Ele compreenderá», replicou Sbirunov. Sakharov não voltou a ver o egípcio, mas traduziu depois muitos relatórios sobre o serviço secreto egípcio, que Hasan passou então a fornecer regularmente a Sbirunov.

O Major Abdel Hâdi el-Sayed era o militar egípcio responsável pelo serviço de contra-espionagem aos soviéticos na área de Alexandria. A KGB conseguiu uma bolsa-de-estudos para que seu irmão fosse estudar na União Soviética. Sakharov entrevistou-se com o estudante, na véspera do embarque e, por meio desse vínculo aca-

bou sendo apresentado ao major. Depois disso, passou a agir com el-Sayed da mesma forma como havia procedido com Hasan, até que Sbirunov interveio para se encarregar pessoalmente do major.

Sakharov imaginava que seu superior diplomático, o cônsul-geral Oleg Shumilov, tivesse conhecimento de sua filiação à KGB. Todavia, em junho daquele ano, Shumilov convocou-o ao seu gabinete e trancou a porta.

«Uma ocorrência muito séria chegou ao meu conhecimento», anunciou-lhe gravemente. «Fui informado de que anteontem o senhor esteve em companhia de um egípcio num *night-club*. O regulamento é bastante claro, de modo que o senhor quebrou a disciplina por não me ter comunicado esse fato. Qual é a sua explicação?»

«Tenho-me encontrado com essa pessoa por ordens de Sbirunov», respondeu Sakharov.

«Para quem o senhor está pensando que trabalha?», explodiu Shumilov. «Para o Ministério ou para a KGB?»

«Trabalho para a União Soviética», respondeu Sakharov.

Shumilov enrubesceu. «Meu jovem, não me importa quem seja o seu pai», vociferou. «Se fizer alguma coisa mais sem primeiro me consultar, pedirei ao embaixador a sua remoção.»

Sakharov foi ter diretamente com Sbirunov e, na tarde seguinte, Shumilov, humilhado, veio lhe pedir embaraçosas desculpas.

Bispo de duas crenças

O INCIDENTE conferiu a Sakharov uma dose de liberdade raramente desfrutada pelos russos no exterior. Shumilov já não ousava indagar a respeito de suas relações, e, porque ele ainda desempenhasse algumas funções consulares, a KGB por sua vez também não lhe exigia relato minucioso do tempo empregado a serviço da chancelaria. Por isso, Sakharov tinha oportunidade de fazer grandes passeios através do deserto – onde nem os soviéticos nem os egípcios poderiam segui-lo sem serem percebidos. Se lhe perguntassem alguma coisa, estava preparado para dizer que simplesmente levava a filha Yekaterina para tomar banho de mar.

Certa vez, quando pai e filha brincavam no mar, um homem imenso, pesando pelo menos 140 quilos, veio chapinhando na água em sua direção, como se fosse uma grande morsa. Tinha uma longa barba preta, olhos e cabelos escuros, e uma fisionomia inteligente, mas algo libertina.

Feliz por ter encontrado compatriotas russos, disse com sua voz trovejante chamar-se Anatoli Kaznovetsky e ser o arcebispo da Igreja Ortodoxa Russa para toda a África. O bispo, sem dúvida, era o mais indisfarçável agente da KGB do Oriente Médio.

Sua missão principal era a de convencer os sacerdotes de outras religiões a exporem junto a seus

fiéis os pontos de vista soviéticos sobre assuntos de política internacional, tais como a guerra do Vietnã e o conflito árabe-israelense. Além disso, deslocava-se ao Cairo uma vez por mês, a fim de entrevistar-se com o residente da KGB naquela cidade, Pavl Nedosekin, um terrorista dos tempos da guerra, impiedoso e temido por todos, inclusive Sakharov. No Cairo, numa de suas viagens a serviço, Sakharov viu quando o bispo saía da sala n.º 6, fortemente guardada, onde a embaixada distribuía fundos para as operações clandestinas.

Kaznovetsky e a esposa, alta e graciosa, logo se tornaram os amigos prediletos do casal Sakharov em Alexandria. O bispo parecia interessar-se por tudo. Conser-tava seu próprio automóvel, destilava suas bebidas e fabricava suas armas de pesca submarina. Ouvia Bach e Beethoven horas seguidas e, às vezes, bebia duas garrafas de vodca de uma sentada sem demonstrar efeitos visíveis a não ser as faces rosadas.

Com o tempo, Sakharov sentiu-se suficientemente seguro para pedir-lhe um favor em segredo: «Acha que Yekaterina poderia ser batizada... sem que ninguém soubesse?»

«Claro que sim, meu filho, claro que sim.»

Na noite do batismo, o bispo dispôs a sala-de-estar de sua casa de modo a lembrar o mais possível um templo, inclusive com a

ereção de um pequeno altar. Surgiu vestido com soberbos paramentos da Igreja Ortodoxa, adornado com a mitra e carregando um báculo. Os arranjos solenes e os corais de órgãos que vinham do aparelho estereofônico do bispo fizeram Sakharov sentir-se como se estivesse numa igreja. Após a cerimônia, a esposa de Kaznovetsky, à antiga maneira russa, serviu uma ceia festiva.

Ao se despedir deles, o bispo segredou: «Não se preocupe, Volodiya, ninguém ficará sabendo.» Ambos tinham consciência de que a KGB haveria de considerar o batismo como nota desabonadora contra Sakharov.

Cerca de seis meses mais tarde, o bispo veio a Sakharov com um problema. O carro de fabricação estrangeira que ele possuía em Moscou precisava de algumas peças sobressalentes impossíveis de obter na União Soviética. O bispo conseguira trazer essas peças para o Egito mas, como sua importação fosse ilegal, não tinha como fazê-las chegar a Moscou. Então, pensara se Sakharov, com seu passaporte diplomático, não poderia levá-las quando fosse a Moscou numas próximas férias...

«Claro», disse o bispo, «que não quero envolvê-lo em qualquer confusão.» E acrescentou a seguir: «A propósito, como vai passando a menina Yekaterina? Todas as vezes que me lembro dela, sinto-me feliz por saber que ela pode desfrutar das graças do batismo.»

Era uma deslavada chantagem. Apesar dos temores de Natalia, Sakharov despachou o caixote com as peças junto com sua bagagem, quando foram de férias a Moscou em agosto de 1969. Por sorte, o inspetor da alfândega, ao ver seu passaporte, fez-lhe um sinal para que passasse sem lhe examinar a bagagem.

Manobrando os cordéis do governo

EM SUA permanência no Egito, Sakharov viajava para o Cairo duas ou três vezes por mês, para executar incumbências de Sbirunov ou no exercício de suas funções consulares. Durante essas visitas, inteirou-se de muitas coisas que estavam ocorrendo nos bastidores da política do Oriente Médio, cujo exterior era em geral bombástico e simulado. Amigos confidenciaram-lhe que aviadores soviéticos, pilotando aviões MIG com insígnias egípcias, haviam sido abatidos em combate. Certa vez, os corpos de dois pilotos soviéticos, que tinham sido derrubados por Phantoms israelenses, foram trazidos do deserto, e Sakharov viu quando as viúvas choravam junto dos esquifes. Também soube das viagens secretas que Nasser fizera a Moscou e das conversações que tivera no Kremlin.

As informações foram-lhe quase todas fornecidas por Sbirunov. Embora em geral discreto, o residente por vezes sucumbia ao im-

pulso de impressionar as pessoas revelando-lhes alguns informes secretos. Numa rodada de uísque em sua companhia, certa noite, em 1969, Sakharov manifestou surpresa por não ter a KGB detectado os preparativos israelenses para seu ataque-relâmpago de junho de 1967.

«Não foi isso», interveio Sbirunov. «Tínhamos informações... informações precisas. Sabíamos o dia e a hora exatos do ataque. A informação foi transmitida ao Centro (o quartel-general da KGB em Moscou), e ficamos abismados por não terem prevenido os árabes. Talvez tenha sido uma falha do Centro, ou então o omitissem de propósito. Não sei bem.»

Sakharov ficou intrigado com essa afirmativa de que a KGB detivesse informações preciosas que poderiam ter evitado a derrocada militar dos árabes – mais ainda, com a outra revelação ocasional que Sbirunov fizera numa reunião rotineira do consulado. Sakharov havia perguntado se a crescente influência de um editor egípcio relativamente medíocre, Mohammed Hassanein Heikal, poderia ocasionar dificuldades à União Soviética.

«Não, enquanto Sharaf permanecer onde está», respondeu Sbirunov.

«Sharaf? Quem é esse?», perguntou o cônsul-geral Shumilov.

«Sami Sharaf é na verdade uma das figuras mais importantes do governo, a quem Nasser dá mais ouvidos», informou Sbirunov.

«Do nosso ponto de vista, é a mais positiva força do Egito. É nele que confiamos.»

Sbirunov dissera a verdade... mas não toda ela. Sharaf era importante demais para ser exposto aos olhos daqueles que não tinham real necessidade de saber quem era ele. Na verdade, era um dos mais importantes agentes da KGB em todo o mundo.

Assim como o cônsul-geral Shumilov, Sakharov nunca tinha ouvido falar de Sharaf antes desse incauto elogio de Sbirunov, mas, no ano que se seguiu, um dos assuntos a que mais se dedicou foi saber quem era Sami Sharaf.

Medindo pouco mais de 1,40 m, atarracado, calvo, de estômago proeminente, olhos negros e tristonhos, bigodes pendentes, Sharaf parecia uma pêra melancólica. Sua aparência contradizia sua inteligência ágil e um talento natural para a intriga, forte personalidade inescrupulosa e sua capacidade aparentemente inexaurível para o trabalho duro.

O «namoro» da KGB com Sharaf começou em 1955, quando este participou numa das primeiras missões militares egípcias que foram a Moscou angariar auxílio soviético. Pouco tempo depois, o simpatizante comunista Ali Sabry, que presidia o gabinete egípcio, nomeou Sharaf seu assistente. Este reorganizou o quadro de auxiliares de Sabry, conseguindo com isso obter bastante prestígio e acesso direto a Nasser. Quando regressou

a Moscou em 1957, a KGB voltou a cortejá-lo assiduamente.

Nem mesmo os mais antigos funcionários da KGB, familiarizados com o caso Sharaf, sabem dizer ao certo quando ele se tornou agente sob o controle da organização. A partir de 1958, entretanto, Sharaf já não era mencionado pelo seu verdadeiro nome nem no Centro nem nos despachos da KGB, que a ele se referia por um codinome reservado aos agentes sob controle; o seu era Asad, que significa «leão» em árabe.

Em 1959, sob o suposto título de Diretor do Gabinete Presidencial de Informações, Sharaf transformou-se no chefe efetivo do serviço de investigações secretas do Egito. Assumiu a máscara, cuidadosamente forjada pela KGB, de um fervoroso nacionalista árabe. Propugnava para que o Egito se encaminhasse para a social-democracia, seguindo uma política externa de unidade árabe que conduzisse ao desmembramento de Israel.

Secretamente, com ou sem conhecimento de Nasser, Sharaf estabelecia um pacto para a ação conjunta da polícia secreta egípcia com a KGB e para o treinamento de agentes de espionagem egípcios, a ser feito pelos soviéticos. O ajuste era de molde a permitir que os russos viessem a se infiltrar junto ao governo egípcio por intermédio dos funcionários por eles doutrinaados – o que oferecia igualmente a Sharaf o pretexto de se

encontrar livremente com o agente de ligação da KGB no Cairo.

No início da década de 1960-70, Sharaf aprovou todas as designações de funcionários egípcios para missões no exterior, supervisionando as investigações de segurança sobre os funcionários do governo e fazendo a triagem dos relatórios que chegavam a Nasser, bem como fiscalizando o conteúdo de seus despachos diários. Dessa forma, através de Sharaf, a KGB controlava as informações secretas em que Nasser confiava para formar suas opiniões e orientar a política nacional.

Em 1967, Sharaf já tinha conseguido alcançar tanto poder que vinha logo após Nasser no governo do Egito. Era ele quem transmitia as ordens do presidente ao conselho de ministros, tornando-se dessa forma superior a esse próprio gabinete.

Sua influência maior, entretanto, provinha de sua capacidade em disfarçar sua real sujeição. Nasser compreendia que a orientação soviética podia não coincidir com os interesses do Egito. Reconhecia igualmente que muitos de seus assessores (Sabry, o Ministro do Interior Sharawi Gomaa e o Ministro da Guerra Mohammed Fawzi) eram simpatizantes dos soviéticos, mas não tinha motivos para desconfiar de seu chefe do serviço de espionagem, que mantinha uma indeclinável pose de patriota egípcio. Sharaf era o único auxiliar, na verdade, em quem

Nasser sentia poder confiar para uma orientação objetiva.

Durante a crise da primavera de 1967, quando Nasser estava tomando decisões que levariam à paz ou à guerra com Israel, Sharaf apresentava-lhe a imagem de um mundo que a KGB fabricara para ele.

A terra prometida

EM MAIO de 1970, o embaixador soviético Sergei Vinogradov convocou Sakharov ao Cairo. Após elogiá-lo pela sua atuação em Alexandria, comunicou-lhe que os «vizinhos» (termo que o Ministério usava para designar a KGB) haviam solicitado a remoção de Sakharov para o Cairo. Este ficou satisfeitíssimo com a notícia, pois o Cairo era um grande centro de operações da KGB, e ele tinha especial interesse em servir ali.

Seus planos, entretanto, tiveram que sofrer uma súbita alteração. Dois ou três dias mais tarde, a mãe de Sakharov telefonou-lhe de Moscou.

«Já sabe de sua nova designação?», perguntou-lhe.

«Sim, estive com o embaixador na semana passada.»

«Ouça, não se trata do que você está imaginando», disse-lhe a mãe orgulhosa. «Você vai para a terra prometida! Seu pai conseguiu o lugar para você.»

Disfarçando seu desaponto, Sakharov balbuciou algumas palavras de agradecimento. No Ministério das Relações Exteriores, a

«terra prometida» era o Kuwait, rico emirado produtor de petróleo no Golfo Pérsico. Anos antes, graças a um descuido burocrático qualquer, o governo soviético havia permitido que o pessoal em serviço no Kuwait levasse um alto padrão de vida. Com facilidade de dinheiro, os diplomatas soviéticos podiam adquirir produtos ocidentais isentos de taxas que valiam elevados preços em Moscou e, com isso, fazer pequenas fortunas. Sakharov já de há muito não dava grande importância ao dinheiro; interessava-lhe mais o que poderia aprender no Cairo. Mais uma vez, entretanto, sua família se havia intrometido para desviar e controlar o curso de sua vida.

As condições no Kuwait eram radicalmente opostas às que Sakharov presenciou no Egito, onde os soviéticos podiam agir à vontade. Lá, o serviço de segurança era eficiente, vigilante e destituído de qualquer ilusão relativamente aos russos. Além do mais, o governo local percebeu que, enquanto a União Soviética estivesse desejosa de manter relações diplomáticas com o país, o Kuwait poderia exercer a política mais rígida que entendesse em relação ao pessoal da KGB.

Nos países ocidentais, os agentes da KGB esmurravam fotografos, agrediam cidadãos e organizavam seqüestros, sem serem molestados fisicamente pela polícia local; no Kuwait, porém, um policial, ao ser agredido por um agente sovié-

tico visivelmente embriagado, derroubrou-o e espancou-o. A polícia manteve o bêbado sob prisão durante três dias, e depois ordenou à embaixada que fosse recolhê-lo.

A própria colônia soviética estava num estado de insubordinação e desconforto com a chegada do novo embaixador, Nikolai Kuzmich Tupitsyn – burocrata idoso e tirânico, que adorava ostentar autoridade. Proibira a venda de bebidas isentas de impostos, o uso da lancha a motor da embaixada para fins recreativos e a realização das tradicionais festas de despedida. Bebia constantemente, mesmo de manhã, e havia importado quatro esbirros de Moscou para organizar sua própria rede de informações no âmbito da embaixada.

Em casos normais, o residente da KGB teria informado o Centro sobre tal embaixador, mas o Ten.-c.^{el} Vladislav Sergeevitch Lobanov, o titular do Kuwait, aposentara-se por conta própria após 25 anos de espionagem e subversões. Ainda exercia suas funções, mas sem o antigo entusiasmo chekista.

Nesse clima desanimador de trabalho, Sakharov pouco esperava observar ou aprender, mas, no segundo ano de sua permanência no país, Lobanov confiou-lhe uma missão com que ele dificilmente sonharia.

Lobanov não sabia árabe, e assim também o residente da GRU (serviço de espionagem militar),

We present the most modern and easiest method to learn English without leaving your home



Apresentamos o mais moderno e o mais fácil método para você aprender inglês sem sair de casa: sistema
“AUDIOMATIC”

Hollywood School of Languages

840 North Sewart Street, Hollywood,
Califórnia 90038 - USA

Agora você pode falar inglês em pouco tempo e facilmente, usando apenas suas horas de folga. E no fim do curso você ainda recebe um diploma da "Hollywood School of Languages". Além disso, toda a sua família poderá aprender divertindo-se, com o material "Audiomatic" que você receberá. Saber inglês hoje em dia garante o seu futuro, melhores empregos, sucesso na escola e na vida social.

ENVIE HOJE MESMO O CUPOM PEDINDO INFORMAÇÕES GRÁTIS!

HOLLYWOOD SCHOOL OF LANGUAGES, Depto.
Rua Capitão Salomão, 59 - Cx. Postal 30.575
01034 - São Paulo - SP

Desejo receber informações grátis, sobre como aprender a falar facilmente o inglês em minha casa pelo método "AUDIOMATIC".

Nome

Endereço

Bairro

Cidade

CEP

Estado

que mal falava o inglês. O tradutor prometido pelo Centro nunca mais chegava, e uma pilha de relatórios acumulados permanecia sem tradução. Com base na folha de informações de Sakharov, fornecida pela embaixada do Egito, o residente admitiu que poderia confiar nele para fazer as traduções.

Os relatórios dos agentes, os arquivos e as mensagens, aos quais Sakharov agora tinha acesso, eram altamente reveladores. Mais ainda veio a saber, quando ganhou intimidade com ambos os residentes, da KGB e da GRU. Com o tempo, tornou-se capaz de identificar agentes, reconhecer infiltrações latentes e distinguir as diretrizes principais das quatro grandes operações soviéticas no Oriente Médio.

Uma delas objetivava sabotar os campos de petróleo e subverter o governo da Arábia Saudita, onde a KGB se havia implantado e tentava manter uma organização de guerrilha terrorista. Sakharov traduzia vários relatórios de agentes infiltrados entre os terroristas. Todos continham queixas sobre as dificuldades de operar contra o governo saudita, e um deles lamentava a execução sumária que sofriam os terroristas capturados.

A KGB já havia começado a organizar células terroristas nos domínios petrolíferos dos xeques ao sul do Kuwait. Ali também tinham o intuito de arrebatam o controle de outra fonte de suprimento do Oriente Médio, de importância

vital para a Europa Ocidental e o Japão. Para captar as graças de futuros terroristas, a KGB procurava atrair os filhos desses xeques com o engodo das bolsas-de-estudos na União Soviética. Sakharov verificou que só do pequenino emirado de Qatar já haviam sido enviadas 80 jovens clandestinamente para a União Soviética, através do Cairo.

Uma terceira operação, uma campanha brutal de terrorismo urbano, seqüestros e assassinios, dirigida contra a Turquia, estava em fase mais avançada. Agentes recrutados pela KGB e treinados na União Soviética introduziam radicais turcos no movimento terrorista, depois faziam-nos passar secretamente para o vizinho território sírio, onde eram treinados em campos supervisionados pelos russos. A onda de violências que se seguiu na Turquia, acabando por suscitar a implantação da lei marcial, o recolher obrigatório e outros constrangimentos de ordem política e social, serve para exemplificar como a KGB consumou a técnica de convulsionar uma sociedade com um mínimo de custo ou risco para a União Soviética.

Por fim, a KGB estava tentando introduzir-se nas guerrilhas palestinas a fim de explorá-las. O propósito soviético era o de neutralizar a influência chinesa que estava sendo exercida sobre elas, para finalmente utilizá-las como pressão contra os líderes árabes que tentavam manter-se independentes da União Soviética. No verão de

1970, a KGB começou a contrabandar armas através do Egito para o Exército de Libertação da Palestina.

Sakharov não constatou nenhuma evidência da cumplicidade soviética no seqüestro e na destruição de aviões de carreira que os palestinos iniciaram logo após receberem a garantia secreta do apoio soviético. Os russos, entretanto, receavam que suas relações clandestinas viessem a ser descobertas. A 10 de maio de 1971, o Comitê Central Soviético emitiu uma ordem urgente e altamente secreta proibindo todas as embaixadas soviéticas de quaisquer outros acordos com os palestinos. Os contatos nesse campo passaram daí por diante a ser feitos exclusivamente pela KGB.

Embora nenhuma dessas operações tivesse origem no Kuwait, os residentes da KGB e da GRU davam de lá apoio a todas elas. As informações que Sakharov obtinha eram, decerto, quase sempre fragmentárias, mas permitiam coligir os nomes de agentes armênios, cingaleses, indianos e britânicos residentes no Kuwait e usados pela KGB em suas operações contra os xecados e a Arábia Saudita.

Sakharov granjeou a confiança de Lobanov, graças à sua demonstração de eficácia, entusiasmo e diligência. Como no Egito, estabeleceu uma rotina que lhe permitia utilizar seu tempo livre a sós em praias desertas e no escritório vazio. Acordava às seis da manhã,

preparava o café e depois saía de carro em direção à praia, aparentemente para um banho de mar. Às duas da tarde, ao terminar o expediente na embaixada, retornava a casa, almoçava e descansava um pouco. Com freqüência, voltava à embaixada cerca das sete horas e trabalhava ali sozinho até as dez ou onze da noite.

Notícia-bomba

NA MANHÃ de 22 de maio de 1971, Sakharov procurou Lobanov com a intenção de manifestar-lhe seu desejo de fazer parte do quadro permanente da KGB. Em breve, seria chamado de volta a Moscou, onde permaneceria pelo menos dois anos no ministério, com acesso relativamente limitado às informações secretas. Por isso, pretendia engajar-se definitiva e oficialmente, a despeito de tudo o que seu pai pudesse pensar.

No entanto, antes mesmo de Sakharov ter tido tempo de dar os bons-dias, Lobanov perguntou-lhe: «Você já sabe o que aconteceu no Cairo?»

«Não, estou vindo da praia.»

«Eles acabaram conosco!», exclamou Lobanov. «Sadat prendeu todos os nossos... Sábry, Gomaa, Fawsi — todo mundo!»

«Havia por acaso alguém de nome Sharaf?», perguntou Sakharov.

«O chefe do serviço secreto? Sim, ele também foi preso», respondeu Lobanov.

O novo presidente do Egito, Anwar Sadat, não só tinha «acabado» com todos os agentes da KGB que operavam junto ao governo egípcio, como esmagara um iminente golpe de Estado, provocando um verdadeiro pandemônio no Kremlin.

Os soviéticos haviam julgado Sadat de maneira inteiramente errônea. Quando ele sucedeu a Nasser, em setembro de 1970, consideravam-no um político medíocre, que poderia ser facilmente alijado. Sadat, entretanto, logo demonstrou sagacidade e competência, com enorme inclinação para governar o Egito segundo os interesses nacionais, e não os dos soviéticos. Embora não fosse nem pró-ocidental nem anti-soviético, era de tal forma independente que os russos, na primavera de 1971, resolveram se ver livres dele.

A 15 de abril, uma delegação egípcia deixou Moscou após comparecer ao 24.º Congresso do Partido. Um dos delegados, Sami Sharaf, ainda permaneceu lá por mais uns dias, para fazer um exame de saúde. Na verdade, Sharaf ficou para assentar com a KGB um golpe de Estado que pretendia levar ao poder o seu próprio grupo e transformar o país no que seria abertamente a «República Soviética do Egito». Sadat, contudo, veio a saber do conluio e esmagou-o, prendendo Sharaf e 90 outros conspiradores.

As prisões suscitaram no Kremlin uma sensação de desastre. Toda

a posição soviética no Oriente Médio, assim como um investimento multibilionário, pareciam comprometidos. Receando depredações da embaixada soviética no Egito, os russos ergueram a toda a pressa um muro em torno dela, e no telhado postaram atiradores com metralhadoras. O presidente soviético, Nikolai V. Podgorny, voou para o Cairo a fim de tentar reparar a situação. Por meio de uma combinação de ameaças e promessas, conseguiu arrancar de Sadat um tratado de permanente cooperação com o Egito. Não obstante esse tratado, porém, os egípcios condenaram Sharaf à morte, embora Sadat mais tarde lhe comutasse a pena para prisão perpétua.

Como Lobanov estivesse demasiadamente preocupado com a situação do Egito naquela manhã, Sakharov resolveu esperar uma ocasião mais propícia para mencionar o assunto de seu ingresso na KGB. Lobanov, entretanto, partiu de férias em princípios de junho, sem que Sakharov tivesse oportunidade de voltar a falar-lhe.

TODOS os dias, quando ia para a embaixada ou voltava dela, Sakharov passava de carro em determinado ponto do caminho, para observar um Volkswagen que costumava estar estacionado por ali. Vez por outra, através da janela traseira do carro, podia ver livros, brinquedos ou outros objetos no interior do veículo.

SEU FUTURO ESTÁ NA ELETRÔNICA!

A OCCIDENTAL SCHOOLS garante seu preparo mediante um Curso MODERNO, PRÁTICO E FÁCIL!

Escola dedicada EXCLUSIVAMENTE desde 1947 ao ensino de ELETRÔNICA, RÁDIO, TELEVISÃO e suas ramificações.

Esta Escola de renome lhe oferece um Curso NOVO, MODERNO E FÁCIL sobre: ELETRÔNICA-RÁDIO-TELEVISÃO. (TRANSISTORES, ALTA FIDELIDADE, TELEVISÃO EM CORES, etc.)

OS MAIS MODERNOS KITS

V. RECEBE TUDO ISTO PARA PRATICAR

A "OCCIDENTAL SCHOOLS" fornecerá todos os elementos necessários para que seus ideais sejam realizados em pouco tempo!

Não vacile, abrace uma profissão rendosa, interessante e de grande futuro!

OCCIDENTAL SCHOOLS
840 No. Seward St.
Hollywood, California

OCCIDENTAL SCHOOLS, Depto.

BOS-2/6

Rua Capitão Salomão, 55
Caixa Postal, 30663, 01000 - São Paulo, SP

Queira enviar-me GRÁTIS seus dois catálogos em roto-gravura sobre "O FUTURO DA ELETRÔNICA"

Nome _____
Endereço _____
Bairro _____ ZP _____
Cidade _____ Estado _____

Grátis

SOLICITE
CATÁLOGOS
LUSTRADOS

OCCIDENTAL SCHOOLS

Rua Capitão Salomão, 55
Caixa Postal, 30 663
01000 - São Paulo, SP



Na manhã de 10 de julho de 1971, porém, Sakharov viu algo que o fez tremer, com o coração aos pulos: um ramo de flores. Era um sinal de emergência da Agência Central de Espionagem Norte-Americana. Vladimir Nikolaévitch Sakharov, na verdade, era um agente da CIA, e já o era há muitos anos. Naquele instante, as flores no carro exprimiam a mensagem de que ele estava em perigo e que devia fugir.

Rumo ao deserto

O PLANO de fuga previa seu encontro com os americanos em determinado lugar às 11:20 da noite. Sakharov olhou o relógio. Eram 2:11 da tarde. Podia ainda ouvir as palavras do instrutor norte-americano que o havia familiarizado com os processos de fuga: «Se algo acontecer, procure, acima de tudo, ficar calmo. Lembre-se de que eles o podem estar vigiando.»

Sakharov havia jurado a si mesmo e à CIA passar o resto de sua vida na KGB, resistindo secretamente. Não imaginava que espécie de vida iria levar a partir das 11:20 daquela noite, na hipótese de que viesse a sobreviver até então. Sabia apenas que o fim de seu casamento não seria doloroso nem para Natalia nem para ele – mas havia Yekaterina.

Sua tentativa de almoçar e descansar um pouco resultou em vão. Por volta das quatro horas, meteu no bolso uma pistola Beretta ca-

libre 32 e chamou Yekaterina. Rodaram sem rumo de carro até o entardecer, quando pararam junto à orla marítima. Sakharov ficou a contemplar a filha, que corria, bela e sorridente, pela praia afora, a soltar gritinhos agudos toda vez que uma pequena onda lhe aflorava os pés. De repente, correu para ele e saltou-lhe nos braços. «Papai, por que está chorando?», perguntou.

«Não estou chorando, Katushka», disse. «Foi um grão de areia que me entrou na vista.»

Sakharov pretendia ser gentil com Natalia, manifestar-lhe de alguma forma o respeito que tinha por ela. Apesar de todos os desastrosos de seu casamento, ela não deixara de ser a mulher inteligente com quem ele havia partilhado seis anos de vida em comum.

Achou que seria melhor que ela não guardasse afeição por ele. Assim, depois de Yekaterina ter ido dormir, simulou uma discussão com a esposa. Todas as mágoas que tinham um do outro vieram à tona em palavras de exaltação, até que ela gritou por fim: «Saia! Vá se embora!» Ele beijou então a filha adormecida e saiu de carro para a embaixada, onde o guarda o deixou entrar como de hábito.

Uma vez no interior, Sakharov retirou documentos de seu cofre, e passou para a Referentura, que ficava no segundo andar. «Vasili, chegou um assunto muito urgente», disse ao guarda. «Posso entrar por alguns minutos?»

«Com certeza, Volodiya.»

Dual

Som
ideal
só com
Dual



*Apresentamos o CS 510,
o primeiro Dual com um leve
toque de automação.*

O modelo mais novo da Dual, o CS510, atende aos desejos da classe especial do audiófilo que prefere participar da sua operação. Contudo, mesmo o mais hábil amante da música, apreciará os toques de automação proporcionados pelo braço do 510.

Primeiro, não é necessário observar-se cuidadosamente o posicionamento do braço sobre o primeiro sulco, no início do disco, seja ele de 12 ou 7 polegadas. (Um sensor mecânico fa-lo-á sentir a posição correta.)

E não é necessário desligar rapidamente o toca-discos no término do disco. (O braço levanta-se automaticamente pelo controle «cue» enquanto o motor se desliga.)

Em todos os outros aspectos, como o braço que é montado por sistema cardã, o prato balanceado dinamicamente, motor síncrono, controle de ajuste de tom e o stroboscópio iluminado, o Dual CS 510 é essencialmente o mesmo que os modelos Dual CS601 e CS1249, totalmente automáticos de tração a correia.

Às 11:05, Sakharov disse boa-noite ao guarda e saiu caminhando em direção ao deserto, deixando as chaves no interior de seu carro. Os únicos objetos pessoais que levava eram uma pistola e uma cruz de batismo. Na tarde seguinte, os russos começaram a patrulhar severamente o aeroporto e a auto-estrada que conduzia às fronteiras do Kuwait, mas então Sakharov já estava a milhares de quilômetros.

PARA Sakharov, a espionagem representava a única forma eficaz de rebelião. Não lhe causou sentimentos de culpa ou de deslealdade, pois, como outros de sua geração, nunca chegara a identificar-se com a União Soviética ou a sentir dedicação por ela.

Já quando estudante, Sakharov resolvera combater a ordem que predominava na União Soviética, travando relações com um serviço secreto do Ocidente. Quando chegou aos norte-americanos, declarou não pretender pagamento nem asilo. Queria apenas a oportunidade de ajudar na subversão do sistema soviético, infiltrando-se na KGB. Por essa oportunidade, arriscou dia a dia a sua vida, tendo por alento aquele objetivo.

A história de Sakharov será inevitavelmente incompleta, por ele ter se recusado a revelar quando, onde e como se tornou um agente da CIA. No curso de longas entrevistas, nas quais falou de suas experiências e emoções de maneira

franca, mas às vezes angustiada, absteve-se todavia de revelar o que fez exatamente para os norte-americanos.

Uma das mais intrigantes perguntas que permanecem sem resposta no caso Sakharov é o motivo que teria levado a CIA a considerá-lo em perigo, e assim remover de seu posto um agente de tal valor e potencialidade. Sakharov fugiu do Kuwait pouco depois que o governo egípcio prendeu Sharaf e noventa outros importantes simpatizantes dos soviéticos. É muito provável que tenha havido alguma relação entre aquele grande número de prisões e a fuga. Certamente, grande quantidade das informações de alto nível que Sakharov forneceu sobre as maquinações da KGB deve ter parado nas mãos dos árabes. Estes, e em particular os egípcios, puderam em seguida verificar por si próprios a veracidade daquilo que Sakharov e outras fontes ocidentais dentro da KGB tinham revelado – e nas suas próprias descobertas eles viram a verdadeira natureza dos planos soviéticos para o Oriente Médio.

Em conseqüência, desde 1971, a influência soviética no Oriente Médio vem diminuindo. Apesar dos bilhões de dólares de ajuda e do trabalho de legiões de agentes, os russos não conseguiram transformar o Egito num satélite soviético. Em parte, as tentativas falharam por causa dessa fuga que constituiu mais um segredo do deserto. ▲